

## Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai\*

Sylvain Souchaud<sup>1</sup>  
Roberto Luiz do Carmo<sup>2</sup>  
Wilson Fusco<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Qual é o papel das zonas de fronteiras no observado desenvolvimento das migrações internacionais entre os países que fazem parte do Mercosul? Esta é uma questão que tem sido enfrentada por vários autores recentes (MARTÍNEZ PIZARRO, 2001; BAENINGER, 2002; MARTÍNEZ PIZARRO, 2003).

A partir dessa primeira questão, várias outras surgiram: terá a migração internacional nas áreas de fronteiras um impacto no povoamento local? Há que se considerar a migração internacional nas zonas fronteiriças de maneira isolada ou integrá-las a movimentos migratórios mais amplos e complexos? Desse mesmo ponto de vista, existem similitudes entre os vários movimentos que cruzam fronteiras nessa região?

A fim de compreender os processos que ocorrem na região, a estratégia que adotamos foi a de definir várias áreas de estudo ao longo da fronteira do Brasil com os países do Mercosul, estabelecendo, assim, uma ordem de estudos de caso, os quais serão realizados ao longo dos três anos de duração do projeto “Espaços migratórios e problemática ambiental no Mercosul”. Este projeto é de cooperação Brasil-França, entre o CNPq e o Institut de Recherche pour le Développement (IRD), desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e o Laboratoire Population Environnement Développement (LPED-IRD). Trata-se do estudo das migrações entre o

---

\* Uma versão deste trabalho foi apresentada no XII Encontro Nacional da ANPUR, realizado em Belém (PA), entre 21 e 25 de maio de 2007.

<sup>1</sup> Geógrafo, pesquisador do Institut de recherche pour le Développement (IRD) – Núcleo de Estudos de População (NEPO/UNICAMP).

<sup>2</sup> Demógrafo, professor doutor, Departamento de Demografia (IFCH/UNICAMP) e Núcleo de Estudos de População (NEPO/UNICAMP).

<sup>3</sup> Demógrafo, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Recebido em 03/2007. Aceito em 05/2007.

Brasil e os países do Mercosul, com destaque para Bolívia, Paraguai e Argentina.

A escolha do primeiro espaço a ser estudado em profundidade foi tomada depois da realização de trabalhos de contextualização socioeconômica/demográfica/ambiental, calcados basicamente em levantamentos dos dados censitários dos países do Mercosul e na análise por mapeamento dessas informações, que configuram a região das bacias Alta e Média do rio Paraguai, envolvendo parte do Oriente boliviano, o Mato Grosso do Sul e o Chaco paraguaio.

Tratamos da migração em termos de impactos territoriais. Isso significa que a migração internacional não é somente um movimento linear, mas é também um elemento em interação com as dinâmicas dos espaços e sociedades locais e regionais. A análise migratória se fará sem perder de vista as estruturas do território, quer esse último influencie os movimentos da população nas fronteiras, quer as próprias migrações internacionais articulem estratégias nas dinâmicas territoriais. Nesse primeiro momento, elaboramos uma análise regional das migrações para introduzir elementos de comparação, apontando semelhanças ou diferenças nas migrações internacionais e suas inserções no espaço.

Na primeira parte deste trabalho apresentaremos o espaço regional e a dinâmica demográfica, enfocando as baixas densidades e os locais de concentração de população. Na segunda parte examinaremos os primeiros elementos que temos sobre a migração internacional na região, focalizando a migração internacional no Brasil. Na terceira parte serão expostos e caracterizados vários tipos de migrações.

## **OCUPAÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO DE FRONTEIRA**

Encontramos na configuração da região elementos em comum nos três países. É um espaço interior e pouco integrado, onde a natureza aparece ainda pouco domesticada, fato devido a uma tênue ocupação humana. O estudo da distribuição da população e das variações de densidade demográfica nos permite apresentar de maneira matizada a questão da estruturação histórica e atual desse espaço regional.

### **A distribuição da população**

A região considerada é constituída por três periferias nacionais, cortadas pelo rio Paraguai, conforme pode ser observado no Mapa 1. Consideramos, nesta abordagem, o Departamento de Santa Cruz, que corresponde a uma parte do chamado “Oriente” da Bolívia, o estado do Mato Grosso do Sul, cuja configuração como unidade federativa brasileira

data da segunda metade da década de 1970 e o Chaco Paraguai, composto por três departamentos: Alto Paraguai, Presidente Hayes e Boquerón.

O Mato Grosso do Sul possuía uma população de 2.074.877 habitantes no ano 2000, representando 1,2% da população brasileira e 4,2% da superfície do território nacional, ou seja, proporções relativamente reduzidas em relação ao conjunto do país.

A situação é diferente para o Departamento boliviano de Santa Cruz e para o Chaco paraguaio. Santa Cruz representa, com uma superfície de 370.621 km<sup>2</sup> e uma população de 2.029.471 habitantes em 2001, 33,7% do território (1.098.581 km<sup>2</sup> no total) e 24,5% da população da Bolívia. Santa Cruz é, portanto, um espaço importante e com peso demográfico significativo em termos nacionais.

O Chaco paraguaio ocupa 246.926 km<sup>2</sup>, ou seja, 60,7% do território daquele país (406.678 km<sup>2</sup> no total), mas conta somente com 135.186 habitantes, isto é 2,6% da população nacional. O Chaco é um território de primeira importância para o Paraguai, mas um deserto humano.

Mapa 1: Localização



Souchaud 2006

Considerando cada um desses espaços no contexto regional, ou seja, Mato Grosso do Sul (MS), Santa Cruz e o Chaco, vemos importância e peso similar do MS e de Santa Cruz e a importância relativamente reduzida do Chaco.

A Tabela 1 evidencia que os três espaços nacionais possuem densidades populacionais desde baixas (MS e Santa Cruz) até ínfimas

(Chaco 0,5 hab./km<sup>2</sup>). Mas a baixa densidade regional vem reforçada nas faixas de fronteira pelo efeito da distribuição desigual da população dentro desse espaço.

Tabela 1: Superfície, população e densidade demográfica dos territórios da fronteira no início dos anos 2000.

	Mato Grosso do Sul	Santa Cruz	Chaco	total regional
superfície (km <sup>2</sup> )	358.158	370.621	246.926	975.705
população	2.074.877	2.029.471	135.186	4.239.534
Densidade (hab./km <sup>2</sup> )	5,8	5,5	0,5	4,3

Fontes, Censos nacionais, 2000, 2001, 2002, IBGE, INE, DGEEC.

No caso de Santa Cruz, em 2001, dos 2.029.471 habitantes, 1.135.526 se concentram na capital Santa Cruz de la Sierra, situada no oeste do departamento, a quase 600 km de distância da fronteira com o MS. De maneira geral, a população de Santa Cruz concentra-se na parte ocidental do departamento, deixando uma fronteira muito pouco ocupada e integrada. A província de Germán Busch, que faz divisa com o Mato Grosso do Sul, tem somente 33.006 habitantes. Dentro desta província observa-se uma concentração na linha da fronteira, nas duas cidades de fronteira, Puerto Suárez e Puerto Quijarro, que contam respectivamente 11.594 e 8.963 habitantes.

No caso do Chaco paraguaio, a baixa densidade de ocupação é ainda mais relevante na faixa da fronteira. Assim, o departamento do Alto Paraguai, divisa com o Mato Grosso do Sul, abriga somente 11.587 habitantes e, na fronteira, a maior cidade é La Victoria com 2.699 habitantes. De forma geral, existe uma tendência de concentração para a pouco numerosa população do Chaco paraguaio no centro desse espaço em, ou ao redor de, três centros urbanos, Loma Plata, Mariscal Estigarribia e Filadelfia, cidades que não passam dos 17.000 habitantes.

Nesse contexto, a tênue ocupação da fronteira internacional do Mato Grosso do Sul, em seu trecho fluvial, parece relativamente importante. A microrregião do Baixo Pantanal era ocupada, segundo o Censo 2000, por uma população de 124.330 habitantes. Observa-se a concentração e a urbanização da população da fronteira na conurbação de Corumbá-Ladário, cuja população aproxima-se aos 100.000 habitantes em 2000.

Em síntese, observamos nessa região baixas densidades de população com tendências à concentração em algumas áreas urbanas, elementos que, em cada uma das três porções de espaços nacionais, se caracterizam das seguintes formas: por um lado, embora a linha de

fronteira esteja pouco ocupada de maneira geral, apresenta contrastes relativos muito fortes, cujas situações opostas são representadas pelo lado paraguaio (população quase nula) e pelo lado brasileiro (presença humana concentrada no maior espaço urbano do trecho, Corumbá-Ladário). O lado boliviano apresenta uma situação intermediária. Por outro lado, “os interiores” das zonas de fronteiras, ou seja, a faixa de espaço que vem imediatamente depois da linha de fronteira e que vai se estendendo em direção ao interior, é uma zona caracterizada pela baixa ocupação, tanto rural quanto urbana. Por último, observamos, com contrastes relativos importantes, a presença, depois de algumas centenas de quilômetros (nesses “interiores”), novamente zonas de concentração, centros importantes onde, na realidade, se organiza a vida regional. Referimos-nos aqui também a Aquidauana no Mato Grosso do Sul, mas especialmente a Santa Cruz de la Sierra na Bolívia e Filadélfia no Chaco paraguaio.

A configuração espacial descrita nos permite algumas suposições quanto aos movimentos migratórios internacionais. Os movimentos de população raramente se dão de um vazio a outro. Em outras palavras, é provável que observemos movimentos de população oriundos dos poucos lugares que acumulam população e/ou em direção a estes lugares. Em conseqüência, é provável que as migrações transfronteiriças sejam de pouca magnitude e, caso aconteçam, são ativadas somente entre alguns pólos e não em toda extensão das fronteiras internacionais. Outro elemento provável é que apareça a importância dos centros regionais na orientação (origem e destino) dos fluxos migratórios regionais.

### **A formação do espaço regional**

Considera-se aqui o espaço estruturado ao redor das bacias Média e Alta do rio Paraguai, zona que abrange a metade ocidental do Mato Grosso do Sul, a metade oriental do departamento de Santa Cruz e grande parte do Chaco. É um espaço historicamente estruturado pelo rio e que apresenta configurações socioeconômicas comuns, apesar das fronteiras internacionais.

Historicamente, o elemento comum às três vertentes nacionais desse espaço foi a dificuldade de implantar uma colonização humana duradoura, devido, em grande parte, às suas características geográficas e, principalmente, naturais. O primeiro elemento é a interioridade desse espaço, a qual se torna relevante frente ao projeto de colonização e organização territorial na América do Sul, que fez com que as áreas litorâneas e próximas ao litoral concentrassem a população, as atividades econômicas e o poder político. Em conseqüência, os espaços interiores ficaram pouco acessíveis e integrados até o século XX.

Por outro lado, os elementos naturais tiveram um papel diferenciado na região. A partir do século XVI, as tentativas de construção de um eixo de comunicação entre as duas áreas oceânicas fracassaram no Chaco, frente às dificuldades climáticas, principalmente pela escassez de recursos hídricos (baixas precipitações e pouca disponibilidade de águas superficiais). Ao contrário, pode-se considerar que, tanto no extremo oriente boliviano como no ocidente do atual Mato Grosso do Sul, a presença de vastas áreas úmidas, sempre ou sazonalmente inundadas, limitou o desenvolvimento e consolidação do povoamento. As dificuldades, nesse caso, foram enfrentadas na implantação de redes de comunicações, na implementação de atividades econômicas (agricultura) e na consolidação de núcleos populacionais.

Frente a esta situação, ficaram escassos os lugares de povoamento, que surgiram principalmente em áreas próximas ao rio Paraguai. O rio foi um eixo de penetração e de comunicação, além de uma fonte de atividades econômicas. Afluente do rio Paraná, o rio Paraguai foi, desde a época colonial, percorrido pelas expedições que visavam apropriarem-se de porções de novos territórios interiores. A partição e a demarcação do espaço se concretizam na fundação de localidades-guarnições ao largo do rio. O rio agrega, ademais, outra função com o desenvolvimento de atividades extrativistas ou agropecuárias (gado bovino) na região: torna-se um eixo de redistribuição, elemento fundamental na articulação do comércio. A extração mineira, a exploração da erva mate, a produção de carne e couro bovino no Mato Grosso do Sul, ou a extração do *quebracho* (*Schinopsis lorentzii*) para obtenção do tanino no Chaco, destinavam seus produtos aos grandes centros litorâneos da faixa atlântica. O comércio fluvial desenvolveu-se, e alguns centros urbanos ganharam importância à medida que se diversificava e intensificava a produção. Corumbá e Concepción passaram a ser centros regionais, mas centros de um tipo particular, no sentido de que mantiveram conexões mais regulares com a bacia do Prata ou a baía de Guanabara (Estado do Rio de Janeiro) do que com espaços vizinhos do interior. Os intercâmbios se organizaram segundo um eixo meridiano e na longa distância, enquanto as comunicações latitudinais e de curta distância ainda são problemáticas. Atualmente, essas cidades-portos mantêm feições dessa organização, como as áreas portuárias antigas que estão sendo abandonadas por motivo da construção de portos mais modernos fora dos centros; são lugares históricos, onde se nota a presença de edifícios públicos e casas que reproduzem o mesmo estilo neocolonial, dando a imaginar que uma vida ativa e produtiva de riquezas se organizava nessas margens do rio. Existiu, então, certa continuidade e dinamismo ao longo do rio Paraguai até princípios do século XX.

Com a extinção parcial dos recursos do extrativismo e a concorrência internacional, a dinâmica regional se estagnou, tendo sido mantidas apenas as atividades ligadas à criação do gado bovino. E o desenvolvimento da região ficou parado ou muito desigual e, de modo geral, “esperando” um impulso do exterior. A partir da década de 1920, mas, sobretudo na segunda metade do século XX, a região conheceu um novo ciclo de ocupação, devido à chegada de migrantes internos e internacionais. A colonização internacional foi de pouca magnitude nos primeiros tempos desse período, mas merece ser citada por seu caráter localmente inédito e duradouro. Trata-se, por exemplo, da colonização menonita, que a partir dos anos 20 se estabeleceu no Chaco e depois no oeste do Departamento de Santa Cruz. No Chaco, estes grupos desenvolvem cultivos, mas, sobretudo a pecuária bovina para a produção leiteira que ainda hoje é a atividade dominante. Hoje, em Santa Cruz, a área de colonização tem evoluído para a especialização no cultivo da soja. As comunidades religiosas não são numerosas, mas demonstram, no caso do Chaco em particular, uma habilidade especial no manejo desse meio natural até hoje considerado como pouco favorável à implantação humana. Os menonitas, que não chegam a uma população de 10.000 indivíduos no Chaco paraguaio, são os principais atores econômicos da região. Além de desenvolverem colônias rurais, animam centros urbanos e desenvolvem redes comerciais nacionais e internacionais.

No caso de Santa Cruz existe, desde a década de 1950, um programa oficial e nacional de reforma agrária com incentivos à colonização dos departamentos orientais. Mas esse movimento, até hoje, se concentrou no extremo oeste de Santa Cruz e não alcançou a fronteira brasileira. Houve, realmente, nos últimos 50 anos, uma transferência importante da população boliviana desde as zonas altiplânicas até as regiões baixas do Oriente. Esse movimento é responsável pelo crescimento importante de Santa Cruz de la Sierra, hoje principal cidade do país. Mas não alcançou de maneira significativa o espaço situado a 200 km a leste da cidade. Essa zona intermediária, entre a capital e o vasto vazio da fronteira, uma meia lua de 100 a 200 km a leste de Santa Cruz, é um espaço de colonização internacional, brasileira, menonita e japonesa, que se especializa na produção de soja.

Do lado brasileiro, no Mato do Grosso do Sul, a dinâmica territorial foi mais intensa, embora muito diferenciada segundo as microrregiões. A parte oriental conhece a expansão decisiva da fronteira do cultivo de soja. Na parte ocidental, as mudanças foram menos importantes ou menos visíveis. Atualmente, os municípios da fronteira brasileira, Corumbá, Ladário e Porto Murtinho e seus espaços rurais, são dominados por paisagens de fazendas de criação extensiva de gado bovino. Porto

Murtinho (segundo o “IBGE Cidades”), com uma população estimada em 2005 de 13.634 habitantes e uma área de 17.735 km<sup>2</sup> contava em 2003 com um efetivo bovino de 678.315 animais. Em 2002 o valor adicionado na agropecuária (principalmente o gado) representava 67% do PIB total do município. Corumbá, com sua população estimada em 2005 de 100.268 habitantes numa área de 64.916 km<sup>2</sup>, tinha em 2003 um efetivo de 1.841.186 cabeças de gado bovino. Apesar da importância das atividades urbanas da cidade de Corumbá na economia do município (serviços público e de caráter comercial), o valor adicionado na agropecuária representava, em 2002, 24% do PIB municipal. Como mostra Cunha (2002), a imigração interestadual ou intra-estadual na microrregião de Baixo Pantanal decresceu nas décadas de 1970/1980/1990 (Cunha 2002, 76) e, ao mesmo tempo, a emigração diminuiu ou estacionou, mas sempre se mantendo mais alta que a imigração. A emigração se orientou tanto para a capital, Campo Grande, como para estados limítrofes, Mato Grosso, São Paulo e Paraná. A população (Cunha 2002, 74) da microrregião passa de 101.264 pessoas em 1970 para 124.236 em 2000, conhecendo sua maior taxa de crescimento anual no período entre 1991 e 2000 (1,05%), taxa abaixo da média verificada para o conjunto do estado.

Os elementos que aparecem no estudo dos processos de ocupação dessa área de fronteira são a escassez e a distribuição desigual da população. Densidades gerais baixas juntam-se com concentrações urbanas em alguns pontos. A distribuição da população apresenta a forma de um arquipélago com “ilhas” de dois tipos e tamanhos diferentes. As primeiras, de tamanho pequeno e médio, posicionam-se nas linhas de fronteiras. As segundas, de tamanho maior e em menor quantidade que as primeiras, se posicionam nos interiores desses espaços de transição que são as zonas de fronteiras. Entre esses vários componentes do arquipélago, existem espaços com uma presença humana mínima, espaços onde a intervenção humana foi esporádica. Decorre dessa situação a importância das paisagens com uma forte componente “natural” onde subsiste a impressão que a natureza ainda é pouco domesticada. É nesse contexto territorial que se insere a migração internacional, a qual, assumindo várias formas, altera ou reproduz essas dinâmicas territoriais, gerando novas questões ou conflitos.

## **ESPACIALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL INTRA-AMERICANA SEGUNDO INFORMAÇÕES CENSITÁRIAS**

Analisando os volumes e as referências de origem/destino mencionadas pelos censos, objetivamos apreender a importância das fronteiras no contexto migratório. Dentro do espaço de referência, que

abrange partes do Centro-Oeste brasileiro e do oriente boliviano e o Chaco paraguaio, consideramos os movimentos migratórios entre esses países.

### Alguns elementos gerais a partir dos dados censitários

Os estudos recentes (CELADE, 2002; MARTÍNEZ PIZARRO & VILLA, 2002; PELLEGRINO, 2003) da migração internacional sul-americana mostram, nos últimos 20-30 anos, o aumento relativo e absoluto dos estoques de migrantes provenientes dos países da própria América do Sul frente à imigração do além-mar. Considerando a migração dos paraguaios, brasileiros e bolivianos nos três países, podemos mencionar alguns elementos a partir dos dados gerais dos censos. Primeiro, os estoques de migrantes são relativamente baixos, alcançando 149.238 indivíduos em 2000 (entre 2000 e 2002). Com exceção dos Brasileiros no Paraguai, as comunidades nascidas no estrangeiro, às quais nos referimos, nunca alcançam uma proporção alta da população nacional, isto é, superior a 1% da população total do país de residência. Além disso, não são contingentes significativos dentro da população emigrada de cada país: tanto os nascidos no Paraguai como os nascidos na Bolívia residentes na Argentina são comunidades muito mais importantes, respectivamente 325.000 e 231.000 indivíduos em 2001 (Censo INDEC).

Tabela 2: População censitária por país de residência, segundo o país de nascimento, anos 2000.

País de residência	País de nascimento			Total
	Bolívia	Brasil	Paraguai	
Bolívia 2001	-	14.428	3.201	17.629
Brasil 2000	20.388	-	28.822	49.210
Paraguai 2002	1.062	81.337	-	82.399
Total	21.450	95.765	32.023	149.238

Fonte: IMILA, 2006

Apontamos que o estoque total de migrantes intra-sul-americanos aumentou nos últimos 20 a 30 anos. No caso das áreas em questão o volume decresceu ligeiramente, entre os anos 1990 e os anos 2000, o fenômeno é devido, mais uma vez, à comunidade nascida no Brasil e residente no Paraguai. Diminui em 25% entre os dois censos, mas, mesmo assim, nos primeiros anos de 2000 representa 55% do total das migrações totais descritas.

Tabela 3: População censitária por país de residência, segundo o país de nascimento, anos 1990.

País de residência	País de nascimento			Total
	Bolívia	Brasil	Paraguai	
Bolívia 1992	-	8.586	955	9.541
Brasil 1991	15.694	-	19.018	34.712
Paraguai 1992	766	107.694	-	108.460
Total	16.460	116.280	19.973	152.713

Fonte: IMILA, 2006

Observa-se na Tabela 3 que o Paraguai, em função da presença brasileira, é o país onde reside o maior número de estrangeiros, tanto nos anos de 1990 como nos de 2000. Para os bolivianos e paraguaios, o Brasil é o principal país de residência. Em consequência, o Paraguai, país de maior volume de residentes estrangeiros, é também o país de uma só comunidade (os nascidos no Brasil). Bolívia aparece como um país pouco atrativo. E Brasil é um país de imigração moderada com estoques comparáveis de bolivianos e paraguaios.

### **A espacialização dos migrantes: a forte implicação das fronteiras internacionais**

Ao considerar os locais de residência dos migrantes, a partir dos censos nacionais de população (INE, IBGE, DGEEC), constata-se o papel importante das fronteiras. Apesar desse ponto comum a todas as migrações, tanto a migração brasileira no Paraguai e na Bolívia como a migração boliviana no Brasil e a migração paraguaia no Brasil, aparecem diferenças que cabe aqui ressaltar. Na configuração espacial do presente trabalho, que reúne Paraguai, Brasil e Bolívia, temos teoricamente 6 casos de migração internacional. Deixaremos de lado dois deles, a migração paraguaia na Bolívia e a migração boliviana no Paraguai, por serem relativamente pouco relevantes (Tabelas 2 e 3).

Os migrantes brasileiros no Paraguai, que representam o essencial da migração regional enfocada, concentram-se (74,0%) em três dos cinco departamentos fronteiriços com o Brasil (Mapa 3), isto é, o Alto Paraná, o Canindeyú e o Amambay (DGEEC, Censo 2002). No caso da migração brasileira na Bolívia, o departamento de Santa Cruz concentra 50,3% da migração total brasileira (INE, Censo 2001). O Mapa 4 mostra que a concentração se repete dentro do departamento em duas aéreas distintas: na província ocidental de Andrés Ibañez, onde se encontra a capital Santa Cruz de la Sierra, e nas duas províncias da fronteira, Germán Busch e Angel Sandóval.

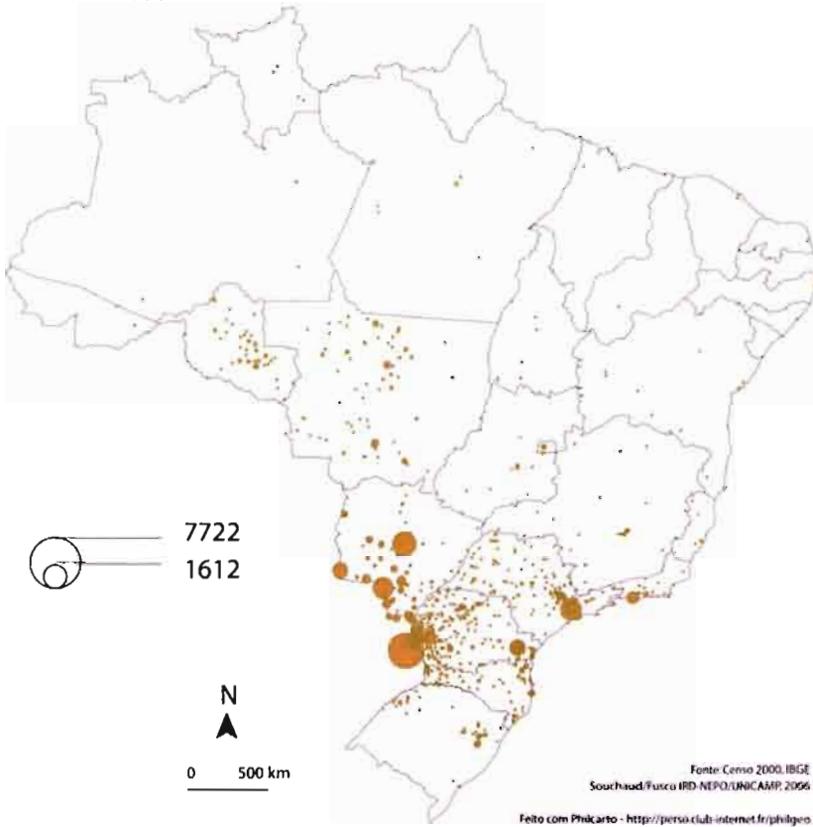
Tabela 4: Nascidos no Paraguai com residência no Brasil por microrregião, em 2000 (efetivos superiores a 200).

Nome da Microrregião	Nascidos no Paraguai	% do Total nascidos no Paraguai	% acumulado
Foz do Iguaçu	4 710	16,3	16,3
Dourados	2 454	8,5	24,9
Campo Grande	1 926	6,7	31,5
São Paulo	1 567	5,4	37,0
Curitiba	1 457	5,1	42,0
Toledo	1 319	4,6	46,6
Iguatimi (MS)	1 206	4,2	50,8
Baixo Pantanal	961	3,3	54,1
Cascavel	851	3,0	57,1
Rio de Janeiro	536	1,9	58,9
Bodoquema (MS)	491	1,7	60,6
Campinas	452	1,6	62,2
Sinop (MG)	376	1,3	63,5
Aquidauana (MS)	370	1,3	64,8
Cuiabá	344	1,2	66,0
Porto Alegre	315	1,1	67,1
Guarapuava (PR)	284	1,0	68,1
Paranaguá	268	0,9	69,0
Maringá	236	0,8	69,8
Joinville (SC)	227	0,8	70,6
Umuarama	227	0,8	71,4
Ji-Paraná (Rondônia)	212	0,7	72,1
Cacoal	210	0,7	72,9
Florianópolis	209	0,7	73,6
<i>Total parcial</i>	21 208	73,6	
<i>Total Brasil</i>	28822	100,0	

Fonte: IBGE, Censo 2000

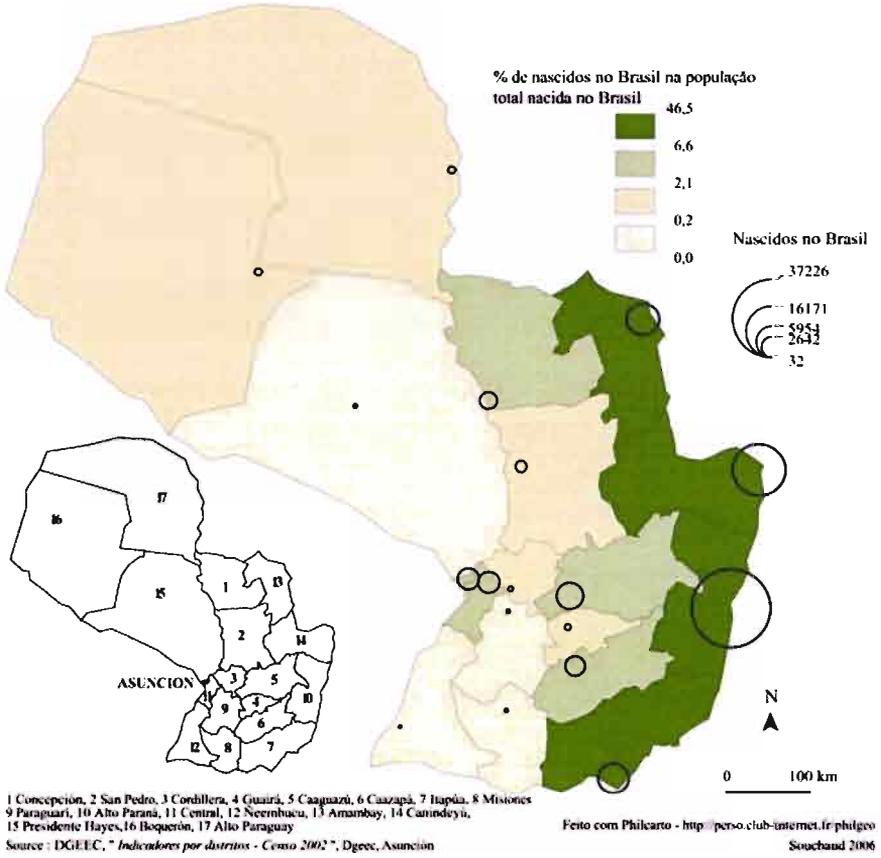
A migração dos brasileiros nos países vizinhos foi bastante estudada no caso do Paraguai (NICKSON, 1981; PALAU & HEIKEL, 1987; SALES, 1996; HAESBAERT, 1999; KOHLHEPP, 1999; SOUCHAUD, 2002), e muito pouco no caso da Bolívia. Corresponde nos dois casos, em grande parte, à progressão da fronteira agrícola. Esse elemento induz várias características sócio-espaciais no país de chegada. As zonas ocupadas pela colonização agrícola, franja extrema oriental do Paraguai e meia-lua oriental ao leste de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), são zonas de pouca ocupação anterior.

Mapa 2: População nascida no Paraguai por município de residência no Brasil em 2000

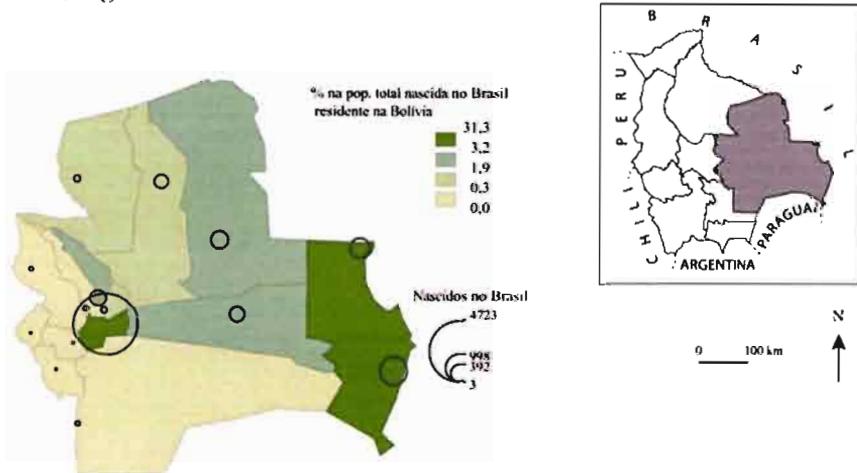


Os migrantes constroem um novo espaço, rural e urbano. A atividade principal é a agropecuária e, sobretudo, a cultura intensiva de exportação (a soja, no caso), junto da qual se desenvolvem várias atividades, comerciais e de serviços, com implantação urbana. Os migrantes se concentram no espaço, formando uma “mancha” de colonização. Cabe enfatizar que essa progressão areolar não se define necessariamente a partir da linha da fronteira (como no caso paraguaio), mas pode aparecer a várias centenas de quilômetros da fronteira internacional. Assim, a presença brasileira na fronteira (províncias de Germán Busch e Angel Sandóval) com Mato Grosso do Sul não corresponde à progressão da frente agropecuária da soja e do gado como observada na província de Andrés Ibañez.

Mapa 3: Nascidos no Brasil residentes no Paraguai por departamento, em 2002



Mapa 4: Nascidos no Brasil residentes no departamento de Santa Cruz, Bolívia, segundo o censo 2001



Ffeito com Philcarto - <http://perso.club-internet.fr/philgeo>  
Souchaud 2006

fonte: Censo 2001, INE

A migração dos paraguaios (Tabela 4 e Mapa 2) no Brasil se caracteriza pela grande dispersão no território nacional. A instalação reveste dois aspectos: uma ocupação fronteiriça, em Mato grosso do Sul e Paraná, em microrregiões (municípios, no caso do Mapa) que contam com uma cidade de médio porte (Foz do Iguaçu, Dourados, Cascavel, Toledo). E uma presença nas microrregiões que contam com grandes cidades, no interior (Campo Grande e Campinas) e no litoral (Porto Alegre, Florianópolis). As microrregiões com uma grande metrópole (São Paulo e Rio de Janeiro) não são particularmente privilegiadas.

A migração boliviana no Brasil revela outro tipo de espacialização. A Tabela 5 e o Mapa 5 mostram a presença importante dos migrantes nas áreas de fronteiras, tanto em Mato Grosso do Sul como em Mato Grosso, em Rondônia e no Acre. Mas, além da dimensão nitidamente fronteiriça da migração, observa-se a concentração na região metropolitana de São Paulo (microrregiões de São Paulo 39,3%, Guarulhos 1,9% e Osasco 1,4%). Fato único, que não tem comparação com qualquer outra microrregião do país.

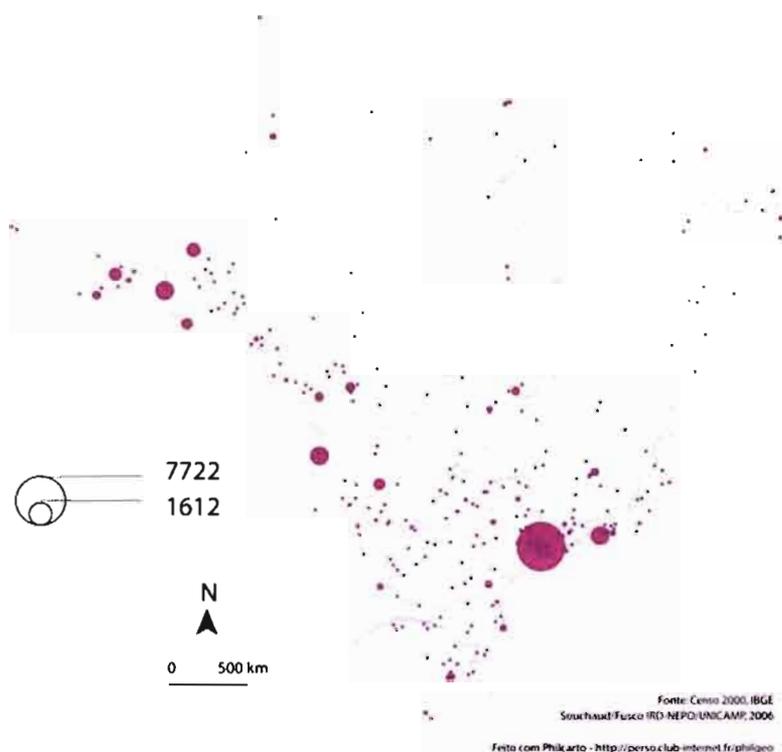
Tabela 5 : Nascidos na Bolívia com residência no Brasil por microrregião, em 2000 (efetivos superiores a 200)

Nome da Microrregião	Nascidos na Bolívia	% do Total nascidos na Bolívia	%acumulado
São Paulo	8 004	39,3	39,3
Guajará-Mirim (Rondônia)	1 436	7,0	46,3
Rio de Janeiro	1 219	6,0	52,3
Baixo Pantanal (Mato Grosso do Sul)	1 179	5,8	58,1
Rio Branco (Acre)	699	3,4	61,5
Porto Velho	642	3,1	64,6
Campo Grande	388	1,9	66,5
Guarulhos (região metr SP)	385	1,9	68,4
Cuiabá	374	1,8	70,3
Osasco (região metr SP)	290	1,4	71,7
Brasília (Acre)	279	1,4	73,1
Belo Horizonte	266	1,3	74,4
Alto Pantanal	245	1,2	75,6
Brasília	211	1,0	76,6
<i>Total parcial</i>	15 617	76,6	
<i>Total Brasil</i>	20 288	100,0	

Fonte : IBGE, Censo 2000.

Aparecem, então, na região quatro tipos espaciais de migrações internacionais: caso 1, fronteiro de vizinhança recíproca; caso 2, fronteiro unilateral; caso 3, urbano diversificado; caso 4, metropolitano exclusivo.

Mapa 5: População nascida na Bolívia por município de residência no Brasil em 2000



## ELEMENTOS PARA UMA TIPOLOGIA DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS A PARTIR DA NOÇÃO DE FRONTEIRA

O caso 1 é comum a partes das quatro migrações internacionais observadas, e se refere à migração transfronteiriça, essencialmente dirigida a centros urbanos da fronteira. São, por exemplo, os brasileiros de Porto Suárez na Bolívia ou de Ciudad del Este no Paraguai; os paraguaios de Ponta Porã ou os bolivianos de Corumbá e Guajará-Mirim; o caso 2 se refere à colonização agrícola brasileira, no Paraguai e na Bolívia; o caso 3 se refere à migração paraguaia nas áreas urbanas litorâneas e sublitorâneas das regiões Sul e Sudeste do Brasil; o caso 4 se refere à migração dos bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo.

Nos dois primeiros casos nos referimos à noção de fronteira. É preciso, então, esclarecer como entendemos a palavra “fronteira”. A

fronteira se distingue tradicionalmente entre zona (“*frontier*”) ou linha (“*boundary*”), segundo Turner (1996). Considera-se, geralmente, em sua acepção política ou geopolítica, a fronteira é a demarcação no espaço do poder de um estado soberano (Foucher 1988). Porém, uma parte importante da literatura sobre fronteiras enfoca o processo de ocupação/apropriação de novas terras, área de pesquisa bem representada na América (MONBEIG, 1952; PÉBAYLE, 1978a; PÉBAYLE, 1978b; HENNESSY, 1981; LÉNA, 1986; ALBALADEJO & TULET, 1996; TURNER, 1996, dentre outros). Retomando a idéia de fronteira como zona, as ciências sociais consideraram e estudaram a fronteira como um recurso e um lugar de reprodução social, e não somente como um limite e/ou obstáculo.

O que distingue o caso 1 do caso 2 é a maneira como os migrantes se inserem no espaço de fronteira. No primeiro caso, a migração “**fronteiriça de vizinhança recíproca**”, os migrantes procuram na zona imediata à fronteira internacional uma vantagem em termos de mercado de trabalho, de serviços (saúde, educação) etc. Ou seja, uma oportunidade para uma inserção sócio-econômica e de acesso a serviços. É uma migração de proximidade (os migrantes podem vir de longe, mas vão perto da fronteira), é uma migração diversificada socialmente, e uma migração antiga, e seus fluxos são reversíveis (em função de evoluções conjunturais ou estruturais). Essa migração é, majoritariamente, urbana ou procura a proximidade de centros urbanos importantes (Mapas 2 e 5). Ademais, designa um centro regional que pode ser grande ou não em termos demográficos; o que importa é o tamanho do espaço organizado à volta desse centro e a posição fronteiriça desse território organizado. Em conseqüência, podem-se considerar centros importantes tanto Santa Cruz de la Sierra ou Campo Grande num extremo, como Filadélfia no outro. Na posição intermediária, encontramos centros urbanos médios, como Ciudad del Este, Pedro Juan Caballero, Corumbá, Puerto Suárez que combinam a proximidade da fronteira e importância demográfica.

No segundo tipo, caso da migração “**fronteiriça unilateral**” a fronteira, no sentido de espaço, área, corresponde a uma zona de difusão, onde elementos, fenômenos sócio-espaciais se encontram em ambos os lados, apresentando poucas variações, mas com origem e impulsão de um só lado. Define-se, então, pela difusão/(re)produção de fenômenos, o que não necessariamente implica uma continuidade espacial. A progressão da colonização agrícola brasileira além das fronteiras ilustra este ponto. Em ambos os lados da fronteira os granjeiros brasileiros reproduzem um sistema de organização sócio-espacial, seja no Paraguai, seja na Bolívia. No primeiro esquema, a progressão areolar ocorre sem ruptura no espaço, ambas as margens do trecho fronteiriço do rio Paraná apresentam as

mesmas paisagens, e têm sua origem na região Sul do Brasil. No caso boliviano ocorre a mesma difusão de uma organização sócio-espacial, mas com uma interrupção, um vazio, de aproximadamente 1.000 km, correspondente a área extensiva do Pantanal brasileiro e demais pântanos do extremo oriente boliviano. Mesmos assim, os dois modelos de difusão não nos parecem muito diferentes, procedem da mesma dinâmica, somente adaptam sua progressão aos “obstáculos” naturais, conforme o estado de conhecimentos técnicos e tecnológicos. Geralmente, é uma migração que se dá em escalas variadas. É uma migração com forte implicação dos setores rurais, ou melhor, de ativos do setor agropecuário; é uma migração recente e os fluxos são unilaterais.

A distinção essencial entre o caso 1 e o caso 2 repousa na função da fronteira na migração internacional. No caso 1, a migração internacional se insere em um modelo sócio-espacial pré-existente, no qual a migração não tem vocação a modificar radicalmente, mas somente alimentar o processo já existente; há, então, de certa forma, uma reciprocidade. No tipo 2 a migração internacional difunde um modelo de organização sócio-espacial originário do lugar de saída, mas não se insere em um esquema preexistente, ou, caso exista, chega a modificá-lo profundamente: configura-se a criação de um novo espaço. Em termos de escala espacial, o modelo 1 se insere na franjas fronteiriças, numa área limitada, inferior a 100 km, em nível local (escala micro). O tipo 2 se insere em espaços que atingem a dimensão regional (escala macro).

Na migração **“urbana diversificada”** os lugares de migração correspondem a áreas (microrregiões) espalhadas no Sul, Sudeste, e Centro-Oeste do país. A primeira vista, não se nota uma atração ligada à importância absoluta do centro urbano localizado dentro da microrregião. Na Tabela 4 e Mapa 2, por exemplo, nota-se que as microrregiões de Toledo, Curitiba e São Paulo têm atração comparável. O que parece prevalecer é a noção de centro regional, sendo estes menores no interior e nas metrópoles na parte litoral do Sudeste, por exemplo. Outro elemento que se destaca é a importância em termos de atratividade dos centros litorais das regiões Sul e Sudeste. Evidentemente, em nível nacional, a estrutura territorial do litoral e próxima ao litoral se diferencia muito da estrutura do interior, a franja litorânea oferecendo mais oportunidades reais ou potenciais para os migrantes. Mas essa atração diferenciada entre o litoral e o interior não vale realmente no Paraná, nem em Mato Grosso do Sul. À espacialização diferenciada dos migrantes em cada Estado do conjunto Sul/Sudeste/Centro-Oeste corresponderia situações territoriais diferentes entre um estado e um outro? Dito de maneira diferente, a presença de migrantes internacionais, tanto em Curitiba (próxima ao litoral) e Paranaguá (litoral) como em Toledo e Maringá (interior) por um

lado, e a presença em Porto Alegre e ausência no interior do Rio Grande do Sul, por outro lado, refletiria uma organização do território diferenciada entre os dois estados, onde o Paraná demonstra uma integração maior de seus espaços interiores? Ou será pela simples razão da proximidade com o Paraguai que os paraguaios estão mais presentes e mais espalhados no Paraná do que no Rio Grande do Sul, estado já um pouco distante?

A categoria “**metropolitana exclusiva**” corresponde à situação da migração dos bolivianos em São Paulo (Mapa 5). Os bolivianos se concentram de maneira muito forte na metrópole. Essa concentração é interessante por duas razões. Primeiro porque para nenhuma outra das comunidades consideradas se observa essa concentração. Segundo porque os bolivianos, fora de São Paulo, quase que não estão presentes nos outros grandes centros do país, nas regiões Sudeste e Sul. Corresponde, então, a um tipo de migração muito diferente do tipo anterior. As razões que podem ser aventadas têm a ver com dois elementos ligados. A migração boliviana no Brasil (fora da migração caso 1) é uma migração recente, e a migração em São Paulo é muito ligada a uma atividade específica: a confecção. Esses elementos explicariam porque a migração ainda não se diversificou, em termos espaciais.

Depois de identificar esses quatro casos de migração aparece uma pergunta. Essas migrações funcionam de maneira independente ou de maneira complementar? Podemos dar alguns elementos de resposta. Obviamente os migrantes podem passar de um caso a outro, e articular dentro de um processo migratório dois ou mais tipos. Essa articulação entre dois casos de migração é forte entre casos 1 e 4, por exemplo, e ela ocorre dentro da mesma estratégia migratória. Assim, devido às dificuldades administrativas crescentes que enfrentam os migrantes com a crescente limitação (ou controle) das migrações internacionais, as trajetórias espaciais se modificam, ganhando em complexidade. Em Corumbá, o número de bolivianos censados é de um pouco mais de 1.000 indivíduos e, segundo várias fontes de informação, muitos deles teriam chegado a Corumbá com a intenção de migrar para São Paulo. A permanência em Corumbá é facilitada pelo baixo controle na fronteira e pelo estatuto oficial de fronteiro, que permite aos estrangeiros de países vizinhos morar, trabalhar e estudar em Corumbá. Tais facilidades não existem fora do município, limite a partir do qual se exercem controles e restrições à migração. A cidade serviria, então, para alguns migrantes, como um espaço de trânsito, de lugar e de tempo. O migrante tem a possibilidade de acumular experiências e benefícios diversos, financeiros, relacionais, culturais, que lhe permitirão tentar migrar para São Paulo.

## CONCLUSÃO

Para estudar os espaços das migrações internacionais intra-americanas com enfoque nas fronteiras, definimos como espaço de referência a região estruturada ao redor do rio Paraguai. A análise da distribuição da população e das densidades demográficas nos permitiu propor algumas hipóteses quanto à estruturação dos movimentos internacionais de população na região.

Essas hipóteses vêm confirmadas pelo estudo das localizações dos migrantes internacionais dos três países no conjunto tri-nacional. As migrações internacionais coincidem com a dinâmica territorial, na medida em que se localizam em alguns lugares centrais, reproduzindo e confirmando as irregularidades do povoamento e as especificidades da região fronteira. Assim, os migrantes ocupam algumas cidades da fronteira, os maiores centros ou dirigem-se a centros mais afastados (Campo Grande, Filadélfia, Santa Cruz etc.) deixando desocupada a vasta zona fronteira propriamente dita. No entanto, notamos a exceção importante da migração internacional relacionada à expansão da fronteira agrícola, pelos brasileiros no Paraguai e na Bolívia.

Constatamos que uma parte significativa das migrações internacionais se orientava nos lugares próximos à fronteira internacional. Desse ponto de vista, existe uma migração de fronteira *stricto sensu*. Sem embargo, o estudo da dispersão espacial das migrações internacionais, a diversidade das configurações, parece mostrar vários elementos. A migração internacional que se estrutura nas fronteiras não é independente das outras configurações da migração internacional. A fronteira pode ser um espaço de trânsito, como no caso de uma parte dos bolivianos de Corumbá que se destinam a São Paulo. Além disso, a migração fronteira não garante a função de traço-de-união entre os diferentes espaços de fronteiras; não é um fator de continuidade entre os diferentes lugares da linha da fronteira internacional, função que assumiu e assume, com várias intensidades, o comércio fluvial, por exemplo.

A migração internacional e seu impacto local nas aéreas de fronteiras devem ser compreendidas de outra maneira. Poder-se-ia dizer que a fronteira, no sentido de lugar, pouco existe em si ou por si na migração internacional. Para o migrante internacional, a fronteira enquanto sentido de lugar existe como um recurso dentro de um dispositivo maior, no caso continental. Em outras palavras, os percursos migratórios não se iniciam nem almejam a fronteira, mas sim lugares afastados dela.

Na realidade, a fronteira não deixou de existir, somente integrou lógicas que lhe são estranhas, exteriores. Assim, é interessante constatar, *a priori*, o baixo nível de integração desse espaço fronteira apesar de sua

inserção em redes migratórias complexas, que juntam lugares afastados no continente. Desenham-se, portanto novos caminhos entre as grandes cidades andinas e São Paulo e as grandes cidades do litoral, nos quais cidades como Corumbá e Foz do Iguaçu assumem o papel de intermediário. Mais uma vez, as migrações internacionais não inovam em termos de inserção ou estruturação do território. Porque os caminhos da migração internacional são aqueles que se desenham nas recentes dinâmicas da integração continental, que passou dos eixos meridianos (fluviais e rodoviários) aos eixos rodoviários bioceânicos. Nesses eixos, as metrópoles e os centros urbanos dos extremos orientais e ocidentais do subcontinente se juntam e os centros ou lugares intermediários servem de ponto de apoio. A fluidez, ou melhor, a aceleração, a facilitação e a ampliação dos intercâmbios que induzem a mundialização provocam, em retorno, efeitos de concentração. Se a concentração é uma tendência, ela significa uma fluidez dos fluxos. A fluidez nunca é completa no espaço, e ainda menos quando se trata das migrações internacionais.

Os elementos que acabamos de assinalar quanto à organização espacial das migrações internacionais abrem vários campos de pesquisa. Seria importante estudar os impactos, principalmente locais, da migração de trânsito e ver como se tecem as relações entre os diferentes lugares da migração internacional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBALADEJO, C. & J.-C. TULET, Eds. **Les fronts pionniers de l'Amazonie brésilienne. La formation de nouveaux territoires**. Paris, l'Harmattan, 1996.
- BAENINGER, R. "La migración internacional de los brasileños: características y tendencias." *Población y desarrollo*, CELADE(27): 70, 2002.
- CELADE. **La migración internacional y el desarrollo en las Américas**. Santiago de Chile, CEPAL-CELADE, 2002.
- CUNHA, J. M. P. **A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no Período 1970/96: o Esgotamento de um Processo de Ocupação**. Campinas, UNICAMP/NEPO, 2002.
- FOUCHER, M. **Fronts et frontières. Un tour du monde géopolitique**. Paris, Fayard, 1988.
- HAESBAERT, R. "Regiões transfronteiriças e migração brasileira em países do Mercosul". VII Encontro Nacional da ANPUR-Assoc. Nac. Planej. Urbano e Regional, Porto Alegre, 1999.
- HENNESSY, A. **The frontier in Latin America history. Les phénomènes de « frontières » dans les pays tropicaux**. Paris, CREDAL/HEAL: 9-23, 1981.
- KOHLHEPP, G. "Incorporação do espaço fronteiro do leste do Paraguai na esfera de influência brasileira". In: POTTHAST, B.; KOHUT, K. and KOHLHEPP, G. **El espacio interior de América del Sur : geografía, historia, política, cultura**. Madrid, Iberoamericana: 205-225, 1999.

- LÉNA, P. "Aspects de la frontière amazonienne." *Cahiers des Sciences Humaines*, 22(3-4): 319-343, 1986.
- MARTÍNEZ PIZARRO, J. **El mapa migratorio internacional de América Latina y el Caribe : patrones, perfiles, repercusiones e incertidumbres.** Santiago de Chile, CEPAL, 2001.
- MARTÍNEZ PIZARRO, J. "El mapa migratorio de América Latina y el Caribe, las mujeres y el género." *Serie Población y Desarrollo* (44): 96, 2003.
- MARTÍNEZ PIZARRO, J. & VILLA, M. "Tendencias y patrones de la migración internacional en América latina y el Caribe". Simposio sobre Migraciones Internacionales en las Américas, San José de Costa Rica, 4/6 sept. 2000. Santiago de Chile, CEPAL/CELADE: 23, 2002.
- MONBEIG, P. **Pionniers et planteurs de São Paulo.** Paris, Armand Colin, 1952.
- NICKSON, R. A. "Brazilian colonization of the eastern border region of Paraguay." *Latin American Studies*, 13(1): 111-131, 1981.
- PALAU, T. V. & HEIKEL, M. V. **Los campesinos, el Estado y las empresas en la frontera agrícola.** Asunción, Base/Pipsal, 1987.
- PÉBAYLE, R. "Franges et catenas pionnières". In. PEBAYLE, R. e KOECHLIN, J. **Le bassin moyen du Paraná brésilien : l'homme et son milieu.** Bordeaux, CEGET-CNRS: 177-186, 1978a.
- PÉBAYLE, R. "Frontières et espaces frontaliers du Brésil méridional." *Cahiers des Amériques latines*, 18: 33-44, 1978b.
- PELLEGRINO, A. "La migración internacional en América Latina y el Caribe : tendencias y perfiles de los migrantes." *Serie Población y Desarrollo*(35): 41, 2003.
- SALES, T. "Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul." *Revista Brasileira de Estudos de População*, 13(1): 12, 1996.
- SOUCHAUD, S. **Pionniers brésiliens au Paraguay.** Paris, Karthala, 2002.
- TURNER, F. J. **The Frontier in American History.** Dover Publications, 1996.